

ENSINO REMOTO E PANDEMIA COVID-19: DESAFIOS E OPORTUNIDADES DE ALUNOS E PROFESSORES

Jamilly Rosa dos Santos

Colégio Militar de Santa Maria (Brasil)
jamillyrosa0512@gmail.com

Elisângela Aparecida Zaboroski

Colégio Militar de Santa Maria (Brasil)
elis.zaboroski@gmail.com

Resumo

A pandemia COVID-19 trouxe para alunos e professores um sentido de urgência e adaptação. Frente aos novos desafios, a necessidade maior é de estabelecer um elo entre a rotina de isolamento e a continuidade do ensino. Nessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo analisar as modificações e adaptações da educação remota, buscando apontar os desafios trazidos pelo novo coronavírus, bem como as oportunidades didáticas do momento. As análises em voga são fruto de pesquisas em livros, sites e outros veículos de comunicação. Através disso, acredita-se ser possível apontar as principais dificuldades educacionais a serem melhoradas e as possibilidades futuras para o ensino brasileiro.

Palavras-chave: Ensino remoto; Pandemia; Desafios; Oportunidades.

Abstract

The COVID-19 pandemic brought a sense of urgency and adaptation to students and teachers. In the face of new challenges, the greatest need is to establish a link between the isolation routine and the continuity of teaching. This article aims to analyze the changes and adaptations of remote education, highlighting the challenges brought by the new coronavirus, as well as the didactic opportunities of the moment. The current analysis is the result of research in books, websites and other media. It is believed that it is possible to indicate the main educational difficulties to be improved and further possibilities for Brazilian education.

Keywords: Remote teaching; Pandemic; Challenges; Opportunities.

Introdução

Com o agravamento da pandemia de COVID-19, “no Brasil, muitas redes de ensino suspenderam as aulas e estão lançando mão de soluções de recursos digitais de aprendizagem, inspiradas na modalidade de Educação a Distância (EaD)” (Kesley, 2020). Entretanto, por mais importante que o ensino remoto seja na atual situação, apresenta graves limitações e não atende a todos os jovens brasileiros da mesma maneira, sobretudo, no que tange as discrepâncias entre a educação pública e a privada.

O presente artigo, então, tem como objetivo analisar as singularidades do ensino remoto no país, ao focar os desafios enfrentados, diariamente, por alunos e professores, bem como as possibilidades de melhoria didática que tal método pode propiciar para o ensino brasileiro pós-pandemia, através da otimização e dinamização de aulas, a partir das ferramentas disponíveis.

Ao abordar os desafios e as oportunidades do ensino remoto no que tange a pandemia de COVID-19, faz-se necessário um detalhado estudo bibliográfico, uma vez que é através deste que se torna possível uma análise específica e precisa das mudanças que tal evento trouxe e ainda traz para a população brasileira e quais são os impactos – positivos e negativos – na vida dos estudantes e professores.

Através desse projeto, acredita-se ser possível constatar erros e dificuldades a serem melhoradas no cenário pandêmico atual, como a escassez de materiais e profissionais aptos a passar por esse momento e garantir um ensino de qualidade para todos os alunos, o abalo psicológico que impede um pleno desenvolvimento curricular frente ao risco e à ameaça de doença, a falta de infraestrutura e recursos de diversos alunos e professores que permitam a continuidade do estudo em ambiente particular, entre tantos outros percalços que serão abordados neste artigo.

Irão ser exploradas também as novidades e as noções que aflorarem no presente momento e que podem agregar muito à eficiência de aprendizado e assimilação curricular do povo brasileiro em um futuro não muito distante, a exemplo, sobretudo, das tecnologias de comunicação que, mais do que nunca, estão sendo exploradas nas aulas virtuais e representam uma grande possibilidade de dinamização do ensino pós-pandemia.



Dessa forma, o presente artigo justifica-se na vontade de elevar a educação brasileira à melhor versão que pode alcançar, mesmo em uma situação de isolamento social e estudos remotos, recorrendo aos dados e evidências existentes para iluminar os desafios e limitações do ensino remoto e, também, às estratégias que são mais adequadas ao se optar por lançar mão dessa alternativa.

Ensino Remoto Brasileiro: Dificuldades a Serem Superadas

Com a expansão viral em território nacional, no início de ano de 2020, o sistema educacional brasileiro público e privado se viu obrigado a lecionar a partir do ensino remoto, de forma análoga ao atualmente conhecido EaD, como uma forma de promover um distanciamento social e barrar a transmissão do agente patogênico.

Inicialmente, é de suma importância frisar que o método de ensino brasileiro em meio à pandemia, embora inspirado nos moldes de um Ensino a Distância, muito se difere do mesmo. Diversos especialistas referem-se a atual situação como “ensino remoto” ou, até mesmo, “emergencial” pelas notórias diferenças metodológicas, estruturais e sistêmicas em relação à prática que já vinha sendo implementada por vários cursos de pós-graduação no país.

No contexto atual, deve ser levado em conta que “as experiências de aprendizagem online bem planejadas são significativamente diferentes dos cursos oferecidos online em resposta a uma crise ou desastre” (Hodges, Moore, Lockee, Trust e Bond. 2020, tradução nossa).¹ Os autores, também, comentam que

“Em contraste com as experiências que são planejadas desde o início e projetadas para serem online, o ensino remoto de emergência (ERE) é uma mudança temporária de ensino para um modo de ensino alternativo devido a circunstâncias de crise. [...] O objetivo principal nessas circunstâncias não é recriar um ecossistema educacional robusto, mas, sim, fornecer acesso temporário à instrução e aos suportes instrucionais de uma maneira rápida de configurar e estar disponível de maneira confiável durante uma emergência ou crise. Quando entendemos a ERE dessa maneira, podemos começar a separá-la do ‘aprendizado online’”. (HODGES et al. 2020, tradução nossa) ².

¹ “Well-planned online learning experiences are meaningfully different from courses offered online in response to a crisis or disaster.”

² “In contrast to experiences that are planned from the beginning and designed to be online, emergency remote teaching (ERT) is a temporary shift of instructional delivery to an alternate delivery mode due to crisis circumstances. [...] The primary objective in these circumstances is not to re-create a robust educational ecosystem but rather to provide temporary access to instruction and instructional supports in a



De acordo com a nova técnica do “Ensino a distância na Educação Básica frente à pandemia da Covid-19”, do projeto “Todos Pela Educação”, divulgada no dia 7 de abril do presente ano, as aulas virtuais só são possíveis, no atual cenário, “por meio da disponibilização de plataformas online, aulas ao vivo em redes sociais e envio de materiais digitais aos alunos”. Essas técnicas, entretanto, estão à mercê de muitas limitações sociais, estruturais e econômicas, que prejudicam, sensivelmente, o aprendizado dos alunos e comprometem a eficiência do ensino desenvolvido pelas instituições.

Consoante com o mesmo documento:

“As estratégias de ensino a distância são importantes para a redução dos efeitos negativos do distanciamento temporário, mas as evidências indicam que lacunas de diversas naturezas serão criadas sem a interação presencial. Diante disso, as especificações sobre a equivalência das horas aplicadas nessa modalidade de ensino como cumprimento do ano letivo exigem atenção dos órgãos reguladores. Além disso, é fundamental que, desde já, as redes de ensino comecem a planejar um conjunto robusto de ações para o período de volta às aulas”. (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020).

Com as escolas fechadas desde meados de março, as secretarias estaduais de educação têm de lidar com a montagem de novas plataformas de aprendizagem, professores sem formação para o trabalho remoto, estudantes que não têm computadores, ou outro equipamento em casa, a falta de acesso à internet na casa de estudantes e, até, de professores, entre outros.

Conforme Rodrigues (2020), “inúmeros têm sido os desafios: o suporte tecnológico aos discentes para acompanhamento das atividades remotas, a normatização das ações e dos procedimentos, a formação dos professores”.

Nesse âmbito, serão apresentadas e exploradas algumas dificuldades e desafios que permeiam o ensino a distância brasileiro atualmente, entre os quais se destacam o impacto emocional nos alunos e profissionais da Educação, o abandono e evasão escolar pela escassez de recursos aptos ao estudo nas residências dos respectivos alunos, as dificuldades enfrentadas por estudantes de zonas rurais, entre outros.

manner that is quick to set up and is reliably available during an emergency or crisis. When we understand ERT in this manner, we can start to divorce it from ‘online learning’”.



Se, de um lado, há uma maior flexibilidade de tempo, ampliação do alcance geográfico proporcionado pelas tecnologias, mais autonomia discente; por outro, percebe-se altas taxas de evasão, um frequente sentimento de solidão dos discentes, uma preocupação com a manutenção da qualidade, uma apreensão associada à avaliação, além das impossibilidades de acesso ligadas às enormes diferenças socioeconômicas entre a população brasileira.

Estudo remoto em meio a uma pandemia: a questão psicológica

Enfrentar uma pandemia é um desafio constante: isolamento social, medo e ameaça da doença, convívio com a ideia de morte. Não é uma situação fácil para ninguém, porém, os estudantes e professores precisam, ainda, adaptar-se a uma nova dinâmica de ensino em suas próprias residências, com pessoas do outro lado da tela e com os amigos e colegas distantes.

Desde então, a preocupação de diversos profissionais psicopedagógicos é a instabilidade emocional – tanto de alunos, quanto de professores – provocada pelo isolamento social, com grande potencial de gerar danos no processo de aprendizado.

De acordo com Morales (2020):

“Adaptar-se a uma nova rotina não é tão simples para muitos alunos, que relatam problemas com ansiedade e sono desregulado. A situação e o contexto do ensino remoto fazem com que os estudantes se sintam ligados o tempo todo. Além disso, muitos deles, em situação de vulnerabilidade, precisaram acrescentar atividades domésticas no seu dia a dia.” (MORALES, 2020).

Ainda, consoante com o autor, dados de diversas pesquisas empreendidas pelo Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) afirmam que os casos de ansiedade, estresse e alterações psicológicas tiveram um aumento em cerca de 80% durante o isolamento social causado pela pandemia de COVID-19.

Ainda, como afirma Morales (2020), o segredo dessas situações incomuns é:

“Estabelecer uma rotina funcional e viável, considerando as diferentes formas de lidar com a situação e os contextos familiares distintos. [...] Outra dica importante quando se fala de rotina é ver quais são as tarefas que devem ser realizadas no dia e alternar momentos de estudo, de convivência familiar e de relaxamento.” (MORALES, 2020).



A grande questão é que muitos alunos apresentam uma grande dificuldade em conciliar o lazer e o estudo não presencial, culminando em um insucesso de aprendizado que está intimamente ligado a doenças como depressão e ansiedade.

Os professores, por outro lado, têm de procurar relacionar sua vida profissional com as atribuições familiares e domésticas. Muitos precisam, ainda, auxiliar seus filhos que estão estudando em casa, ao mesmo tempo em que lecionam para outros jovens, causando uma sobrecarga bastante considerável, que só aumenta a tensão causada pela pandemia.

Além disso, “muitos professores e alunos precisam lidar com a morte de familiares e amigos, ou com o medo de perder pessoas próximas que estão internadas” (Morales, 2020).

Falta de materias e de infraestrutura: a realidade das residências brasileiras

Conforme Zajak (2020) e de acordo com a Carta Magna brasileira, educar é garantir aos jovens o seu pleno desenvolvimento, a partir de “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola (Art. nº 206)”, entretanto, percebe-se, no atual momento, que tal proposição não está sendo garantida, em suma, pois não há igualdade de condições de acesso à educação entre os estudantes brasileiros, sobretudo, quando se compara alunos de escolas públicas e privadas.

Zajak (2020) explica esse fato, ao afirmar que:

“A qualidade da educação, além de depender dos insumos e da valorização de seus profissionais, depende muito de fatores socioeconômicos. Vivemos em um país onde 31,1 milhões de brasileiros (16% da população) não têm acesso a água fornecida por meio da rede geral de abastecimento; 74,2 milhões (37% da população) vivem em áreas sem coleta de esgoto; outros 5,8 milhões não têm banheiro em casa; 11,6 milhões (5,6% da população) vivem em imóveis com mais de 3 moradores por dormitório e 3,5 milhões de pessoas vivem com até R\$ 145 por mês. Falar em qualidade da educação sem olhar para esses dados é quase desumano.” (ZAJAK, 2020).

Com o ensino remoto a situação é, ainda, mais preocupante, pois:

“Apenas 42% das casas brasileiras tem computador; 85% dos usuários de internet das classes D e E acessam à rede exclusivamente pelo celular e somente 13% se conectam tanto pelo aparelho móvel quanto pelo computador.” (ZAJAK, 2020).



Frente a esses dados, Tenente (2020) afirma que:

“A estratégia adotada escancara a desigualdade e as dificuldades enfrentadas pelos estudantes e professores de colégios públicos: acesso limitado à internet, falta de computadores e de espaço em casa, problemas sociais, sobrecarga de trabalho docente e baixa escolaridade dos familiares.” (TENENTE, 2020).

Tal infeliz realidade “já prejudica a garantia do Direito à Educação, em condições normais” (Zajak, 2020). Com os estudos totalmente remotos, a situação fica, ainda mais, caótica. Diversos alunos e professores estão sem acesso à internet, a computadores ou mesmo a livros e materiais didáticos. A situação piora, ainda mais, quando não há, no ambiente residencial, um cômodo, momento diário ou alguém que possa auxiliar o estudo, a concentração e a assimilação do conteúdo.

Percebe-se que, mesmo em estudantes do Ensino Médio, falta autonomia e disciplina que, somadas às situações precárias e desfavoráveis de habitação e organização familiar confere um grande obstáculo e empecilho para a educação no presente ano letivo. Por terem dificuldade de compreender o conteúdo ministrado, muitos alunos passam a encarar a quarentena como férias, contribuindo, significativamente, para a evasão escolar, que já era um dos maiores desafios da Educação Pública e, agora, tem tendência a aumentar.

Consoante com Bisol (2020), “a escola brasileira não preparou o aluno para ser autônomo. São poucos os alunos que sabem a hora de estudar e como se concentrar”.

O ensino-aprendizagem, além disso, é prejudicado pela condição econômica-estrutural de diversas escolas e centros de educação brasileiros. De acordo com Campanha (2020):

“Muitas escolas, sobretudo públicas, não possuem infraestrutura para essa modalidade, não dispõem de plataformas, AVAs, e professoras com formação adequada para trabalhar com a modalidade, não estando, assim como os estudantes, aptos para essa alternativa.” (CAMPANHA, 2020).

O Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED) manifestou em nota “estar preocupado com os prejuízos causados aos estudantes de baixa renda pela suspensão das aulas em todo o país, pois nem todos os alunos têm igual acesso à internet e a recursos digitais”.



Zonas rurais: exclusão educacional

Se nas cidades o ensino remoto vem se mostrando, no mínimo, desafiador devido a dificuldades econômicas, familiares e estruturais, o que comentar das áreas rurais, onde, muitas vezes, os serviços de internet e telefonia são inexistentes? Como desenvolver um hábito de estudo com essas condições? Ou ainda: como se comunicar com professores e colegas a cerca do trabalho que deve ser desenvolvido? São questões muito pertinentes que preocupam milhares de famílias, hoje, no interior do país.

Segundo um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o Brasil tem 5,1 milhões de estudantes em escolas rurais, sendo que apenas 44% desses fazem uso de internet. Nas áreas urbanas, o índice – muito contrastante – é de 70%.

Nesse cenário, a criação de uma metodologia de ensino online é impraticável, uma vez que as escolas, assim como os alunos, não possuem ferramentas necessárias, como computadores ou, até mesmo, plataformas adequadas. Dessa forma, ainda que a implementação fosse possível, não obteria a adesão necessária.

Em sua reportagem sobre o assunto, Oliveira (2020) comenta que, mesmo com todas as adversidades, os estudantes e as famílias reconhecem o poder da educação e se esforçam, ao máximo, para receberem os conteúdos.

“Mesmo em comunidades sem acesso à internet, os alunos estão recebendo conteúdo didático e listas de atividades. Algumas escolas, por exemplo, têm enviado materiais impressos a farmácias e supermercados para que estes sejam recolhidos, posteriormente, pelas famílias. Outras fixam materiais didáticos para que os estudantes tirem foto e estudem em casa.” (OLIVEIRA, 2020).

Entretanto, apesar dos esforços, é nítido que haverá uma sensível perda curricular destes estudantes, que partirão com uma severa desvantagem em concursos e vestibulares, em relação a outros alunos de escolas urbanas e/ou do sistema particular.

Pandemia de COVID-19: Conquistas e Possibilidades Educacionais

Apesar de tantos desafios, obstáculos e limitações a serem superados, a pandemia de COVID-19 não deve ser encarada como uma tragédia por completo. É necessário que os brasileiros passem a enxergar as possibilidades que nasceram com



a quarentena e com o isolamento social, sobretudo, no que tange as ferramentas educacionais dispostas hoje com o auxílio dos meios cibernéticos.

Além disso, a discussão sobre o papel do professor e do profissional psicopedagogo dentro dos centros de saber tem-se tornado, ainda mais, decisiva para desenvolver um lecionar mais humanitário e preocupado com as particularidades de cada indivíduo.

De acordo com Oliveira (2020), a pandemia possibilitou para o mundo “outra percepção de relações humanas, sociais, econômicas e, com certeza, de aprendizagem”. O passo decisivo, agora, na atual situação, é identificar tais brechas e trabalhar duro para um desenvolvimento em conjunto de todo o sistema educacional brasileiro.

Psicologia nas escolas: crescente importância

Os impactos psicológicos e mentais causados pela explosão de casos de COVID-19, pelo isolamento social e pelos índices alarmantes de mortes, como já comentados no presente artigo, estão dentre as principais causas de impedimento de uma experiência escolar bem sucedida, na atual situação pandêmica.

Frente a isso, ficou, cada vez, mais perceptível, para diversos profissionais do ramo, a essencialidade de seções de psicopedagogia nas escolas de todo o Brasil. De acordo com Morales (2020), o diálogo – não, necessariamente desenvolvido por psicólogos – é um processo “de acolhimento, de fazer com que estigmas sejam quebrados” e, sem sombra de dúvidas, é uma forma de cada indivíduo saber que é ouvido e ter consciência da sua importância dentro da instituição de ensino da qual faz parte.

O autor, ainda, comenta que o diálogo, dentro de qualquer instituição:

“Faz com que não haja o sentimento de solidão. Além disso, a troca de experiências traz aconchego. Então esse lugar de escuta é absolutamente necessário em qualquer campo e pode ser criado por todos nós, alunos, professores, amigos e familiares.” (MORALES, 2020).

A real necessidade é parar de enxergar professores e alunos como engrenagens de um sistema que tem como objetivo, somente, lecionar matérias como Matemática, Português e Física. Mas, sim, passar a vê-los como seres humanos



dotados de sentimentos e instabilidades capazes de influenciar decisivamente sua realização pessoal e profissional, dentro das escolas, e seu sucesso, ao final do ano letivo.

Nesse exato sentido:

“Tal entendimento fundamenta e justifica a preocupação em pensar e promover o repensar das práticas pedagógicas instituídas, como sendo uma condição necessária para que essas práticas se façam de um modo mais ético, mais eficaz e eficiente, cumprindo assim a função de socialização. A importância da psicologia no processo ensino-aprendizagem reside no reconhecimento de que a educação é um fenômeno verdadeiramente complexo e o seu impacto no desenvolvimento humano obriga que se considere a globalidade e a diversidade das práticas educativas em que o ser humano se encontra imerso, isto porque a educação se desdobra em múltiplos contextos nos quais as pessoas vivem e participam definidos como âmbitos educativos.” (MINUTO PSICOLOGIA, 2020).

Deve-se, portanto, mirar o olhar humano para todas as práticas sociais, especialmente a da educação, a fim de formar mais pessoas dotadas de compaixão e aptas a praticar a empatia quando inseridas em uma emergência global, como a atual pandemia.

Aprendizagem pós-pandemia: um novo olhar para o cibernético

Diante de uma situação em que o saber e o aprendizado permitem-se evoluir, somente, através do cibernético e da internet, devido ao tão necessário isolamento social, é possível afirmar que “estamos diante de uma oportunidade fantástica porque a pandemia acelerou um processo, que já estava em curso, de integração entre a tecnologia e a educação” (Casatti, 2020).

O autor, ainda, complementa que:

“Todas as iniciativas de ensino remoto utilizadas durante a luta contra a Covid-19 podem ser sementes para a transformação digital e cultural tão necessária no ensino, unindo práticas pedagógicas inovadoras, como o aprendizado híbrido e metodologias ativas, com tecnologias educacionais inteligentes, que potencializam as capacidades do aluno aprender e do professor inovar.” (CASATTI, 2020).

Em síntese, Nogueira (2020) comenta que devemos explorar mais intensamente as redes cibernéticas educacionais no pós-pandemia, uma vez que:



“A experiência atual de ensino remoto mostra que a política educacional precisa contemplar o ensino híbrido como modalidade oferecida por todas as escolas. ‘Agora foi a pandemia, mas podem haver eventos climáticos e outros motivos para ter que fechar a escola. Além disso, o ensino híbrido amplia as experiências de aprendizagem dos jovens e aproxima a educação da maneira como vivem hoje, permeada pela tecnologia. A escola precisa ser um ambiente mais contemporâneo’. [...] Os estudantes precisam se conectar também para ter direito à aprendizagem. Agora vamos precisar reforçar e fortalecer essa mensagem no Brasil.” (NOGUEIRA, 2020).

Atualmente, ainda, a possibilidade de acesso à internet é uma requisição da quinta competência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que se refere à utilização de tecnologias digitais de informação e de comunicação, como forma de aguçar e estimular o senso crítico de alunos e professores em relação às ferramentas de busca digitais disponíveis e aos perigos que caminham junto com o uso de redes sociais.

O papel do docente: uma nova forma de se trabalhar

Com a eclosão da pandemia e a determinação de isolamento social em todo o país, os professores tiveram que, de uma hora para outra, rever sua didática e sua forma de lecionar. Nessa nova perspectiva, “os papéis de professores e alunos não estão geograficamente delimitados por mesas, quadro negro e carteiras; os docentes se vêm também atravessados pelas dúvidas e reflexões sobre seu fazer pedagógico” (Rodrigues, 2020).

Somado a essa abrupta mudança de cenário, devem ser levadas em consideração as limitações emocionais, estruturais e de acesso à internet, como já comentado no presente artigo, que representam um grande obstáculo a esses profissionais. Bisol (2020) aborda essa perspectiva enfatizando a precariedade de condições de muitos docentes brasileiros frente à pandemia de COVID-19.

“Os professores também estão estressados. Alguns não tiveram oportunidades de trabalhar em rede e agora se vêm forçados a utilizar WhatsApp para manter os conteúdos de aula. Estão abandonados na hora em que mais precisam se reinventar.” (BISOL, 2020).

Mais do que nunca, toda a população mundial – sobretudo estudantes e responsáveis – vem percebendo que “os docentes estão passando pelo processo de



repensar a forma de apresentação dos conteúdos, bem como o tempo que isso pode durar” (Rodrigues, 2020), durante e, até, após a pandemia.

Cabe ao lecionador, a partir de agora “rever as próprias práticas pedagógicas, reposicionar-se no papel de professor mediador e não de detentor único do conhecimento e repensar as práticas avaliativas” (Rodrigues, 2020).

De acordo com Casatti (2020), tal constatação e a preocupação quanto à perspectiva do professor, bem como quanto às suas práticas didáticas referentes ao uso das tecnologias essenciais à educação, são de suma importância, uma vez que:

“Há algo que promete unir a humanidade diante do enfrentamento da Covid-19: a constatação de que o aprendizado é essencial para a nossa sobrevivência. Além do conhecimento científico ser a esperança para o encontro de uma vacina ou de um tratamento eficiente contra a doença, a suspensão das aulas presenciais na maioria dos países do mundo mostrou a importância dos espaços de construção do saber.” (CASATTI, 2020)

E em conjunto com a essencialidade dos “espaços de saber”, há a atuação do docente na construção de um ensino inclusivo e igualitário, inicialmente, durante a quarentena e, posteriormente, em todas as relações educacionais.

“O professor é quem fará o contato entre tudo aquilo que a gente debate com o aluno na sala de aula. Por isso, precisamos colocar os docentes como os agentes mais importantes de implementação. [...] Eles terão pela frente demandas novas ao lado dos velhos conhecidos desafios do dia a dia da escola pública, como a evasão por desconexão com a escola.” (KESLEY, 2020)

Complemento e uma das razões para tal preciosidade das instituições de ensino, há o papel do lecionador que, além de todas as limitações estruturais e pedagógicas o prejudicando, deve procurar uma nova maneira de transmitir o conhecimento de maneira não presencial.

“Esse novo cotidiano vivenciado durante a pandemia implica menos tempo de aula, mais atividades, mais tempo de correção, mais desgaste na ida e vinda das informações, criando uma nova temporalidade, que precisa ser respeitada: ‘Não queira passar por cima disso, porque se você está, como eu, trabalhando online, respondendo, lendo, etc., você já notou que produz muito menos porque é outro universo. A gente não domina essa linguagem e essa técnica’. Nesse sentido, a pandemia pode ser uma excelente oportunidade para os educadores repensarem suas próprias práticas de ensino-



aprendizagem. 'Acredito que vai desaparecer essa ideia de contabilizar a aprendizagem pelo tempo que os alunos permanecem sentados em uma sala de aula. Vamos passar a avaliar o quanto se aprende e não quantas horas ou dias letivos temos', ressalta o professor Seiji". (CASATTI, 2020)

Nesse questionamento, diversos teóricos afirmam que existe uma mudança não só no olhar e atribuições do professor, como também a maneira que os próprios encaram sua tarefa de lecionar, atribuindo a esta outros objetivos e ferramentas, que vão além das disciplinas propriamente ditas e do quadro-negro.

"A aprendizagem se dá em múltiplos espaços. A sala de aula é um deles. Mas, nesse tempo [de quarentena], é bom a gente pensar estratégias para quebrar com a ideia de que só aprende dentro da sala de aula. Dá para ensinar e aprender em outros espaços, sem tirar o papel do professor nesse processo." (OLIVEIRA, 2020)

Rodrigues (2020) aponta, nessa mesma perspectiva, a importância crescente de saber dominar as tecnologias de comunicação, principalmente quando se é educador.

"O objetivo maior da formação de professores para o uso pedagógico [...] não pode estar limitado ao domínio instrumental dos recursos tecnológicos. Entretanto, este domínio é essencial como primeiro passo. É preciso aprender a utilizar as ferramentas antes de aplicá-las com finalidades educacionais". (RODRIGUES, 2020).

Kesley (2020) ressalta, também, que o papel do educador vai muito além de lecionar matérias isoladas. Pelo contrário: sua atuação deve estar envolvida no combate à evasão escolar, na garantia de uma aprendizagem crítica e acolhedora, na percepção das peculiaridades individuais e na escolha da melhor forma de relacionar-se com elas, na comunicação adequada com os pais e responsáveis, que são peça-chave na caminhada do aprendiz, entre tantas atribuições desses profissionais.

E tudo isso em um cenário desconstruído por uma crise pandêmica, forçando que os docentes procurem uma nova forma de trabalhar todas essas questões essenciais, da mesma maneira de que muitos tentam superar as dúvidas e ansiedades que, naturalmente, abatem-se sobre os seres humanos em uma crise sanitária de tal proporção.



Por fim, Nogueira (2020) frisa o quanto essa nova maneira de se pensar – e como programá-la dentro das escolas – é fundamental nos dias de hoje, quando diz que:

“É preciso levar a inovação para dentro das escolas de ensino médio por meio da formação dos professores. [...] Uma formação voltada para uma educação transformadora, que envolva a comunidade e os alunos com os aspectos sociais, econômicos, da violência, toda essa complexidade, que as disciplinas isoladamente não conseguem dar. Uma formação que permita sair da lógica das séries, das disciplinas, das aulas de 50 minutos. Uma formação que utilize as metodologias necessárias para habilitar as pessoas para que elas tracem suas estratégias e promovam as suas mudanças, levando para a comunidade as coisas que têm valor para a aprendizagem daquela comunidade, que ajudem a entender o que aquela comunidade precisa e a construir as soluções para isso.” (NOGUEIRA. 2020)

Considerações Finais

Percebe-se, assim, frente ao exposto, anteriormente, a importância de se discutir a metodologia educacional no atual momento de pandemia, uma vez que a base de tal sistema é constituída por seres humanos providos de sentimentos, ansiedades, limitações e incertezas, que são – como todos atualmente – reféns de suas posses e finanças para manter-se e, conseqüentemente, para desenvolver seu processo de estudo e aprendizagem.

Espera-se que, através da exposição feita no presente artigo, todas as dificuldades dessa prática, durante e após a quarentena, sejam vistas com mais atenção pela comunidade e pelos poderes públicos. Evasão escolar, falta de matérias escolares básicos, escassez de internet e computadores, fragilidade psicológica, estrutura familiar abalada: todas essas questões comprometem decisivamente o dia a dia de diversas famílias, hodiernamente, no Brasil, e com a eclosão do isolamento social, ficaram ainda mais perigosas e preocupantes.

Para que o Brasil avance como uma potência mundial e seja reconhecido internacionalmente de forma positiva, o primeiro passo é abrir os olhos e mover ações em prol da educação, principalmente daqueles indivíduos excluídos socioeconomicamente como professores e alunos das classes mais pobres e das zonas rurais e interioranas.



O investimento, como apontado por este artigo, não precisa ser às cegas. Como já visto, a pandemia, juntamente ao ensino remoto, trouxe algumas possibilidades e ressaltou a necessidade de algumas ações na aprendizagem brasileira. Um incentivo em meios digitais e virtuais de estudo igualitários e acessíveis, somados com um atendimento e um auxílio psicopedagógico, faria com que os professores conseguissem aprimorar, ainda mais, o seu método de lecionar, que acarretaria em melhores índices e maior desempenho dos alunos. Com certeza, seria um avanço substancial para a educação brasileira, principalmente, no que tange o ensino público.

Casatti (2020) sintetiza essas colocações, muito bem, ao dizer que:

“Se a pandemia do novo coronavírus contribuir para que o coral de vozes de estudantes, professores, funcionários e gestores seja ouvido, teremos chance de analisar as ações bem-sucedidas e aprimorar o que não deu certo. É por meio desse aprendizado que poderemos nos preparar melhor para as futuras situações de emergência. Só com o aprendizado poderemos redigir o guia de sobrevivência da humanidade.” (CASATTI, 2020).

Dessa maneira, conclui-se este artigo com as belas palavras de Rodrigues (2020), quando colocou, de maneira excelente, que:

“Os desafios continuam sendo inúmeros, mas certamente a educação e o mundo pós-pandemia não serão mais os mesmos. [...] Afinal, como há tempos já nos ensinou Paulo Freire (1996), a educação é sempre histórica, localizada e deve contribuir para que os aprendentes (professores e alunos) assumam-se como seres sociais e históricos, como seres pensantes, transformadores, criadores e realizadores de sonhos.” (RODRIGUES, 2020).

Referências Bibliográficas

- A Importância Da Psicologia Da Aprendizagem Para A Pedagogia (2020). *Minuto Psicologia*. Disponível em: <http://www.minutopsicologia.com.br/postagens/2014/05/21/a-importancia-da-psicologia-da-aprendizagem-para-a-pedagogia/>. Acesso em: 21 ago. 2020.
- Bisol, A. (2020). Estudantes de Baixa Renda São os Mais Prejudicados na Quarentena. *Desafios da Educação*, 3 abr. 2020. Disponível em:



<https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/estudantes-baixa-renda-quarentena/>.

Acesso em: 10 ago. 2020.

Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal.

Campanha Nacional Pelo Direito À Educação. *8 Motivos Para Não Substituir a Educação Presencial Pela Educação a Distância (EaD) Durante a Pandemia*.

(2020). Disponível em <https://campanha.org.br/noticias/2020/03/26/8-motivos-para-nao-usar-educacao-distancia-ead-como-alternativa-para-substituir-educacao-presencial/?fbclid=IwAR1eSfo1V_T--kEmQYGOG5hEfEolt1Mavy8368FHsqBqxBSa-idbsW_nsVs> . Acesso em 14 agosto. 2020.

Casatti, D. (2020). Um Guia Para Sobreviver à Pandemia do Ensino Remoto. *ICMC São Carlos*, [S. l.], 7 maio 2020. Disponível em:

<https://www.icmc.usp.br/noticias/4917-um-guia-para-sobreviver-a-pandemia-do-ensino-remoto>. Acesso em: 27 ago. 2020.

Hodges, C. *et al.* (2020). The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. *EDUCAUSE Review*, 27 mar. 2020. Disponível em:

<https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Acesso em: 24 ago. 2020.

Kesley, P. (2020). *Volta às Aulas no Contexto da COVID-19: é preciso escutar os professores. Todos pela Educação*, 13 maio 2020. Disponível em:

<https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/Volta-as-aulas-no-contexto-da-Covid-19-E-preciso-escutar-os-professores>. Acesso em: 27 ago. 2020.

Migalhas (2020). *Especialista Analisa Ensino Remoto na Pandemia: para o advogado, nota técnica do MEC oferece indicações sobre os limites para oferta de disciplinas remotas*. Migalhas. 12 jun. 2020. Disponível em:

<https://www.migalhas.com.br/quentes/328820/especialista-analisa-ensino-remoto-na-pandemia>. Acesso em: 17 ago. 2020.

Morales, J. (2020). *Os Impactos Psicológicos do Ensino a Distância: Psicóloga da Escola Sesc fala sobre os problemas de estudar durante a pandemia e como lidar com eles*. Guia do Estudante, 27 maio 2020. Disponível em:

<https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/os-impactos-psicologicos-do-ensino-a-distancia/>. Acesso em: 27 ago. 2020.

Nogueira, F. (2020). Ensino Remoto: o que aprendemos e o que pode mudar nas práticas e políticas públicas. *Porvir*, 22 jun. 2020. Disponível em:



- <https://porvir.org/ensino-remoto-o-que-aprendemos-e-o-que-pode-mudar-nas-praticas-e-politicas-publicas/>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- O Ensino Remoto, A Pandemia E A Educação Do Faz De Conta. (2020). *Seção Sindical dos ANDES-SN do IFRS*. 24 maio 2020. Disponível em: <https://www.andes.sindoif.org.br/2020/05/24/o-ensino-remoto-a-pandemia-e-a-educacao-do-faz-de-conta/>. Acesso em 27 ago. 2020.
- Oliveira, D. (2020). Escolas Rurais: os desafios de ensinar e aprender na quarentena. *Desafios da Educação*, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/escolas-rurais-na-quarentena/>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- Rodrigues, A. (2020). Ensino Remoto na Educação Superior: desafios e conquistas em tempos de pandemia. *SBC Horizontes*, jun. 2020. ISSN 2175-9235. Disponível em: <http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/06/17/ensino-remoto-na-educacao-superior/>. Acesso em: 14 ago. 2020.
- Tenente, L. (2020). *Sem Internet, Merenda e Lugar para Estudar*. veja obstáculoS ensino à distância na rede pública durante a pandemia de Covid-19. G1 Globo, 5 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/05/05/sem-internet-merenda-e-lugar-para-estudar-veja-obstaculos-do-ensino-a-distancia-na-rede-publica-durante-a-pandemia-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 11 ago. 2020.
- Zajak, D. (2020) Ensino Remoto na Educação Básica e COVID-19: um agravo ao Direito à Educação e outros impasses. *EPUFABC*, 15 maio 2020. Disponível em: <http://proec.ufabc.edu.br/epufabc/ensino-remoto-na-educacao-basica/>. Acesso em: 17 ago. 2020.